

Bafici embarca  
na estética de  
Hong Sangsoo



PÁGINA 3

Doc. 'Pau D'Arco'  
é destaque no É  
Tudo Verdade



PÁGINA 5

Vanessa Moreno  
ocupa o Teatro  
Ipanema em abril



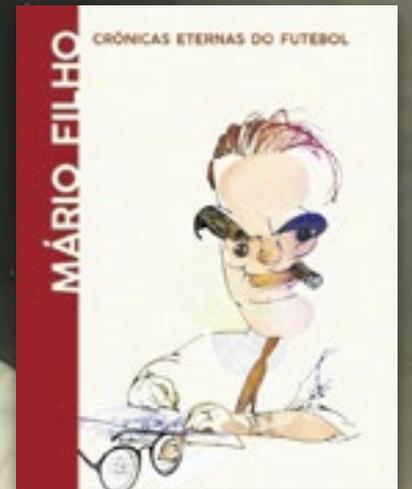
PÁGINA 6

## 2º CADERNO

Coleção conta  
a história do  
futebol brasileiro  
a partir de textos  
de cronistas  
esportivos de  
várias gerações.

Por Affonso Nunes.

PÁGINA 2



As crônicas  
de Mário Filho  
inauguram  
a série

# GOI

*da literatura!*

# Mais do que relatar partidas

**N** Brasil, a crônica esportiva conquistou um espaço único seja na literatura seja no jornalismo. Mais do que narrar partidas, o gênero consagrou o futebol como em espetáculo imortal, explorando suas histórias, personagens e emoções. Atravessou gerações, ocupando páginas de jornais, programas de rádio e televisão, e hoje, em tempos de redes sociais, não perdeu o fôlego. Essa rica tradição é objeto da coleção “Crônicas Eternas do Futebol”, que será lançada nesta segunda-feira (8) em evento na Galeria Sat’s, em Botafogo. A proposta do projeto é contar a história do esporte por meio dos grandes mestres que ajudaram a construir a mitologia do futebol brasileiro, destacando seus craques, clubes e seleções inesquecíveis.

A iniciativa reúne nomes fundamentais da crônica esportiva, desde os pioneiros até seus sucessores. Entre eles estão Mário Filho, João Saldanha, Armando

Nogueira, Tostão, Juca Kfourir, José Trajano, Ruy Carlos Ostermann, Mauro Beting, Marcos de Castro, Alberto Helena Jr., Marcelo Barreto e João Máximo. São autores que marcaram gerações e influenciaram novos escritores e leitores. Só causa estranheza a ausência do genial e Nelson Rodrigues nesta escalação.

Bem ao estilo boleiro, o lançamento oficial da coleção

terá a mesa-redonda “A crônica esportiva como gênero literário”, evento com a presença de Juca Kfourir, Geraldo Mainenti (curador da coleção), Martha Esteves (presidente da Acerj – Associação dos Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro), Sérgio Pugliese (Museu da Pelada) e Lúcio de Castro. E porque estamos em terra de samba e futebol (e vice-versa), após o debate, haverá uma roda com Luiz Felipe de Lima e grupo, trazendo canções ligadas ao bom e velho esporte bretão.

“Crônicas Eternas do Futebol” funciona no modelo de assinatura. Todo mês, os leitores receberão em casa uma antologia com crônicas selecionadas de um autor. As assinaturas estão disponíveis no site [www.cronicasdefutebol.com](http://www.cronicasdefutebol.com).

## Um patrono do gênero

Com a bela ilustração de Lula Palomares na capa, o primeiro volume é dedicado a Mário Filho, considerado o patrono do gênero. Irmão de Nelson Rodrigues, foi um dos principais responsáveis por consolidar a crônica esportiva no Brasil. Fundou o jornal “O Mundo Esportivo”, escreveu sobre o futebol com um olhar literário e narrativo inovador e eternizou a rivalidade entre Flamengo e Fluminense no livro “O Negro no Futebol Brasileiro”.

E mais: seu nome batiza oficialmente o Maracanã, um dos estádios mais icônicos do mundo. “No futebol, não há governo nem oposição, embora quando em quando pareça que há”, escrevia o mestre numa de suas crônicas na Manchete Esportiva em 1º de junho de 1957.

Mais do que apenas relatar partidas, a crônica esportiva foi capaz de dar ao futebol um significado maior, conectando o jogo à memória e à identidade nacional. Surgiu na imprensa carioca da Belle Époque e encontrou no esporte um campo fértil para narrar a trajetória de ídolos que se transformaram em lendas. Se o Brasil é o país do futebol, a crônica permitiu que esse universo ganhasse contornos épicos, ampliando sua importância cultural.





Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**ntusiasta de filmes pautados pela palavra, onde a dramaturgia se faz pelo verbo, tributária a heranças da literatura e do teatro, a Argentina admira a estética da palavra esculpida a baixo orçamento (e profundo existencialismo) pelo diretor sul-coreano Hong Sangsoo, a julgar pela recorrência de sua obra no Bafici. Em sua 26ª edição, iniciada no dia 1º, o Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires vai projetar o longa-metragem mais recente dessa máquina de filmar, “What Does That Nature Say to You” (“Geu jayeoni nege mworago hani”), nesta terça, às 16h, no Teatro San Martín. Rola mais uma projeção nesta quinta, às 21h30, no Cine Gaumont. A expectativa de nuestros hermanos é grande, dada a calorosa recepção que a fita teve na Berlinale, em fevereiro, ao disputar o Urso de Ouro.

Foi uma surpresa o time de juradas e jurados presidido pelo cineasta americano Todd Haynes (de “Segredos de um Escândalo”) não ter agraciado o longa com troféu algum, pois toda vez que concorre em Berlim Sangsoo conquista algo. Em 2024, ao receber o Grande Prêmio do Júri por “As Aventuras de Uma Francesa”, com Isabelle Huppert (sua sazonal parceira), o realizador de 64 anos virou-se para a plateia e perguntou: “O que vocês viram no meu filme?”. Seis meses depois dessa vitória alemã, ele foi ao Festival de Locarno, na Suíça, concorrer ao Leopardo de Ouro com outro longa, “Através Do Fluxo” (“By The Stream”), exibido aqui pela Mostra de São Paulo. Saiu das terras helvéticas com outro mimo: sua companheira (de vida e de obra), a atriz e produtora Kim Min-hee, foi laureada em terras hel-



‘What Does Nature Say To You’ marcou a volta de Hong Sangsoo à Berlinale

# Hong Sangsoo, um cineasta de palavra

Festival de Buenos Aires embarca na estética de verbos e desabafos do realizador coreano que roda dois longas por ano com orçamentos modestos

véticas por sua atuação. Eles criam a dois em esquema de guerrilha.

“Não faço contas acerca de cálculos orçamentários, pois cuido de muitos aspectos dos meus filmes”, disse Sangsoo ao Correio da Manhã, na Berlinale, deixando transparente o fato de que ele mesmo escreve, fotografa e monta



Hong Sangsoo, o sexagenário diretor sul-coreano, filma com cerca de US\$ 100 mil

seus longas, além de compor as trilhas sonoras que dão embalo a suas tramas de conversação e reflexão. “Um dia, numa entrevista, eu disse que eu filmo por cerca de US\$ 100 mil. Venho mantendo essa cifra. Trabalho de modo compacto. Eu conto apenas com uma parceira de produção (tarefa de Kim Min-hee),

um assistente e um operador de microfone para o som. É uma equipe de quatro pessoas. Cada projeto leva umas três semanas, sendo que a filmagem em si me consome uns sete ou oito dias de trabalho.”

Povoado por personagens fascinantes em suas diferentes seções, o Bafici vai conhecer amanhã o arre-

dio Donghwa, um poeta de trinta e poucos anos. O protagonista de “What Does That Nature Say to You” leva a namorada, Junhee, para uma viagem de carro de Seul até a casa dos pais dela, nos arredores da localidade de Icheon. Ao notar a surpresa do seu amado com o tamanho da casa e os seus jardins montanhosos, Junhee sugere que ele dê uma olhadela rápida no local, mas, na entrada da garagem, eles encontram o pai da mulher, que convida Donghwa para passar o dia com a família. Todos engatam numa cizanda de conversas: o patriarca; a sua esposa, que também é poeta; e as duas filhas adultas, uma delas em crise depressiva. Naquela conversa regada a álcool, Donghwa embebede-se e deixa cair a sua máscara de deferência, revelando um lado bem constrangedor.

“O cinema se esforça para embelezar o óbvio por apostar na elasticidade dos símbolos que cada imagem traz. Não acredito em símbolos, eu acredito no que há de concreto por trás das relações”, disse Sangsoo, cuja carreira começou em 1996, com “O Dia Em Que o Porco Caiu no Poço”. “Parto de arquétipos e mostro, pouco a pouco, que eles não significam nada.”

Alçado a um status de popstar autoral depois de ganhar o Prix Un Certain Regard de Cannes, em 2010, com “Hahaha”, Sangsoo tem seu nome (por vezes) grafado como Sang-soo ou Sang-Soo. A grafia mais corriqueira, Sangsoo, aparece no recém-lançado “Dictionnaire du Cinéma Coréen”, que o pesquisador Antoine Coppola acaba de lançar na França, via Nouveau Monde Editions. Nada desse incansável operário da arte, que lança dois longas por ano, é unânime. Apesar disso, é surpreendente a habilidade que Sangsoo tem de criar. Sua empresa, Jeonwonsa Film Co. Production, consegue dar conta de sua mirada enxuta e de sua urgência.

Rola Bafici na Argentina até o dia 13. Nesta segunda, o evento confere a produção espanhola “Una Quinta Portuguesa”, de Avelina Prat, e o cubano “Crônicas del Absurdo”, de Miguel Coyula. No sábado, serão conhecidos os vencedores da maratona argentina.

Por Leonardo Sanchez (Folhapress)

**E**strutura e ritmo no documentário costumam estar distantes do cinema de ficção. Ana Aranha, porém, entendeu que precisaria promover um casamento entre os formatos para recontar a chacina de Pau d'Arco de maneira suficientemente impactante, sem abandonar o compromisso com a verdade que ela, jornalista antes de cineasta, precisava manter.

“Isto não é jornalismo. Isto não é ficção”, dizia uma placa fixada acima da ilha de edição na qual ela e seu montador, Daniel Grinspum, finalizaram “Pau d'Arco”. O aviso serviu para guiá-los na hora de reconstruir, nas telas, o massacre que deixou dez trabalhadores sem terra mortos no sul do Pará, há oito anos.

Um 11º, protagonista de “Pau d'Arco” e responsável por narrar a tragédia que testemunhara ao espectador, foi executado durante as gravações. Sua morte parece um “plot twist” que aproxima o documentário dos gêneros de crime e suspense, com seus roteiros tomados por reviravoltas - quase como em “Psicose”, que perde seu fio-condutor, Marion Crane, inesperadamente.

“Principalmente depois do assassinato do Fernando [Araújo dos Santos, morto em janeiro de 2021], precisávamos de um filme que dialogasse com muita gente, para chamar a atenção para o caso. A ficção entrou como um recurso poderoso -a montagem tem ritmo, os entrevistados são personagens, a narrativa tem clímax e virada”, diz Aranha, que tomou “Cabra Marcado para Morrer”, de Eduardo Coutinho, como referência.

Coordenadora de projetos especiais da Repórter Brasil, voltada a jornalismo investigativo nas áreas socioambiental e de direitos trabalhistas, Aranha já havia dirigido o curta “Relatos de um Correspondente da Guerra na Amazônia”, sobre o assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips.

Ao cobrir a disputa por terra em Pau d'Arco, imersa em violências e ameaças, e ser surpreendida, em maio de 2017, pela chacina, ela percebeu a vocação da história para as telas.

Aranha fez 13 viagens ao Pará entre 2017 e 2024, enviada pela Repórter Brasil, que entrou como produtora. Em paralelo às matérias que escrevia, capturava com a câmera o que se tornaria o documentário, um dos destaques desta edição do festival É Tudo Verdade, com programação até 13 de abril.

Na chacina, maior massacre no campo



Cena do documentário 'Pau d'Arco', de Ana Aranha

# Impacto e compromisso com a verdade

Filme denuncia chacina de Pau d'Arco, no Pará, mesclando narrativa jornalística e ficção

nas últimas três décadas, policiais executaram dez trabalhadores sem-terra que ocupavam a fazenda Santa Lúcia. Dois policiais civis e 14 militares foram indiciados pelo crime e aguardam julgamento por júri popular. Apesar de réus, continuam soltos e em atividade.

Na última atualização do caso na Justiça, duas investigações que poderiam revelar os mandantes foram encerradas sem apontar responsáveis, segundo inquéritos obtidos pela Repórter Brasil. Em dezembro, o governo anunciou que Santa Lúcia será de-

sapropriada para receber 224 famílias que integram o MST, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

“Tomávamos uma série de medidas de proteção, mas o risco que eu corria era incomparável ao de quem mora lá. Nossa preocupação era trazer ainda mais risco para aquelas famílias, por retaliação. Quando o Fernando foi assassinado, refletimos o quanto nossa presença teria piorado as coisas, mas muitos entenderam que a exposição trazida pelo filme poderia servir de proteção”, diz Aranha.

“Pau d'Arco” não é um documentário de cabeças falantes -aqueles em que os entrevistados se alternam para colar os fragmentos de uma história. O filme segue ritmo de investigação, ancorado nos testemunhos de Fernando -capturados em momentos do seu dia a dia e em meio a protestos e comparecimento a fóruns de Justiça- e de José Vargas Júnior, advogado das famílias.

Aranha considera os dois os grandes trunfos do filme. Além do conhecimento sobre o caso, chamou a atenção o carisma e a facilidade que tinham para lidar com a câmera. Graças a eles, a jornalista e diretora conseguiu criar uma conexão entre o campo, onde a ação se passa, e a cidade, onde estão os espectadores.

Diferentemente dos filmes de ficção, porém, “Pau d'Arco” não tem começo, meio e fim. Como o caso da chacina, ele fica em aberto e encerra sua narrativa com o amargor da incerteza. “Você acredita que a justiça será feita?”, pergunta Aranha ao advogado das vítimas, Vargas.

Questionada pela reportagem, a jornalista e cineasta diz ter esperança. “Eu preciso acreditar que sim, e vou continuar cobrindo e denunciando o que mais eu descobrir sobre o caso. Se eu achasse que não há chance, já teria parado. Espero que o filme faça algum barulho.”

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**mbora ocupe o segundo lugar no ranking das maiores arrecadações de 2025, atrás apenas da bilionária receita (cerca de US\$ 1,9 bilhão) da animação chinesa “Ne Zha 2”, “Capitão América: Admirável Mundo Novo” faturou menos do que o esperado... bem menos, aliás... apesar de já contabilizar US\$ 409 milhões. Nem a presença de Harrison Ford, transformando-se no Hulk Vermelho, assegurou à Marvel a fortuna pela qual ansiava. A sirene de perigo acerca do futuro das narrativas de super-heróis hoje soa em volume máximo.

As salas de exibição que outrora transformavam qualquer vigilante (ou anti-herói) de HQs numa mina de ouro parecem já não dar tanta bola para a oferta (inesgotável) de títulos oriundos dos quadrinhos. Já o streaming... Nas plataformas digitais, produções com DNA nas artes gráficas de balãozinho que sofreram a esnobada da cinefilia encontram lar... e ressonância. O caso exemplar é “Kraven, o Caçador” (2024).

O carisma do ator Aaron Taylor-Johnson não salvou essa (eletizante) aventura de um destino trágico em circuito, mas, agora, a streaminguesfera garante ao longa-metragem uma chance de êxito popular. Há como vê-lo, por comprar ou aluguel, na Apple TV (iTunes), na Amazon Prime, na Claro TV+, no Google Play, no Vivo Play e ainda na Microsoft Films & TV.

Ao contrário do Duende Macabro e do Doutor Octopus, cujos planos são movidos por cobiça, a sanha criminoso de Sergei Nikolaevich Kravinoff (vivido por Aaron) é alimentada apenas por vaidade, uma vez que riqueza nunca lhe faltou. Pelo menos não pelo que lemos nas histórias em quadrinhos. Filho de uma aristocrática família russa, ele embarca para as Américas no espocar da Revolução de 1917, sob o eco das palavras de Lênin. Longe de casa, desenvolve um instinto competitivo (letal) sublimado na caça. Uma poção vodu faz com sua força e sua destreza se ampliem a níveis sobre-humanos, o que amplia seu apetite por presas que extrapolem as condições normais de temperatura e pressão da Natureza, como o Homem-Aranha. Ter a cabeça do aracnídeo em sua parede de troféus é a consagração de um histórico de desafios à fauna terrestre. Para alcançar esse desafio, Kravinoff passa dos limites e põe a própria sanidade em xeque.

Desde 1964, Kravinoff, ou Kraven, está no enalço do Aranha. Apareceu em agosto daquele ano, na revista “The Amazing Spi-



Aaron Taylor-Johnson empresta seu carisma a Kraven, que usa sua destreza sobre-humana para caçar mafiosos

# Kraven caça noutras selvas

Esnobado em circuito exibidor, filme sobre o vilão do Homem-Aranha ganha novo espaço – e forma fãs – nas plataformas digitais, em tempo de ressaca para longas derivados de HQs

der-Man” nº 15, e partiu para outros alvos, como a Garota-Esqulito, o Pantera Negro e a combativa Tigra. Ao longo dos anos, a Marvel inventou um laço de fraternidade entre ele e outro ferrabrás igualmente insano, o Camaleão, apresentado como seu meio-irmão.

O momento de maior relevo de Sergei na cultura pop – e que inspira o longa de J.C. Chandor, hoje ao alcance do streaming, é a saga “Kraven’s Last Hunt”, lançada em 1987 por J. M. DeMatteis, Mike Zeck e Bob McLeod, inspirada pela literatura de Dostoiévski. Na trama, Kraven chega ao limite máximo de sua insensatez na ambição de matar o Aranha e prende o vigilante (então

trajado com seu uniforme negro), submetendo-o a um ritual de humilhação. No processo, Kraven perde de vez a razão e morre. Anos depois ele regressa como fantasma na graphic novel “The Amazing Spider-Man: Soul of the Hunter”, também do trio DeMatteis, Zeck e McLeod. Graças a essa produção dramatúrgica em papel, o filme com Aaron teve a chance de ser feito. Custou cerca de US\$ 110 milhões e faturou apenas US\$ 62 milhões, prejudicado por uma campanha de difamação de sua qualidade estética. Revisitado agora, surpreende. Em 1998, um outro coadjuvante do Aranha, o vampiro Blade, colocou a pedra fundamental na linhagem de

narrativas audiovisuais inspiradas em super-heróis ou em seu aqui-inimigos. Foi Wesley Snipes quem começou tudo. Seu êxito nas bilheterias acionou o interesse da indústria audiovisual pelos tesouros dramaturgicos da Marvel, autorizando Sam Raimi a filmar “Spider-Man”, com Tobey Maguire, e Bryan Singer a rodar “X-Men – O Filme”. Ambos se tornaram fenômenos e ganharam (muitas) sequências.

A sucessão de acertos de arrecadação milionária motivou o lançamento do Marvel Studios, em 2008, com “Homem de Ferro”, que inaugurou a onda das cenas pós-crédito. Naquele mesmo ano, o diretor inglês Christopher Nolan bateu a barreira do bilhão com “Batman – O Cavaleiro das Trevas”, da DC Comics, rodado sob o selo da Warner Bros. A chegada de “Os Vingadores”, em 2012, consolidou de vez a égide dos justiceiros da arte sequencial nos écrans. Para coroar essa excelência, “Logan” (2017) fechou a Berlinale e disputou o Oscar de Roteiro Adaptado e “Coringa” (2019) ganhou o Leão de Ouro de Veneza.

Em 2022, a fria acolhida a “Thor: Amor e Trovão”, de Taika Waititi, deu o primeiro indício de um cansaço da parte de espectadoras/es diante do excesso de ofertas ligadas à ficção quadrinística dos EUA. Desastres de faturamento com “Quantumania”, “Flash”, “As Marvels” e “Aquaman 2: O Reino Perdido”, todos em 2023, reforçaram a catástrofe anunciada, que se agravou com a fria recepção dada a “Coringa: Delírio a Dois”, em outubro. Espera-se que “Superman: Legacy”, com David Corenswet no papel do último Filho de Krypton, salve essa pátria.

# Temporada de encontros MUSICAIS

Por Affonso Nunes

**A** cantora Vanessa Moreno é a atração do projeto “Terças no Ipanema” durante todo o mês de abril, no Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa. A partir desta terça (8) e nas seguintes (15, 22 e 29), a artista paulista apresentará shows em formato voz e violão, com repertórios distintos a cada semana, concebidos especialmente para as participações de seus convidados: Zé Renato (8), João Cavalcanti e Matheus Pessanha (15), Camille Bertault e Angela Velloso (22), e Joyce Moreno (29).

Em todas as apresentações, Vanessa Moreno dividirá o palco com o violonista baiano Tarcísio Santos. A artista adiantou que cada show será único, moldado pela presença dos convidados, mas que três canções (a autoral “Solar”; “Azul”, de Djavan; e “Odara”, de Caetano Velloso) farão parte de todos os repertórios. “A escalação de todos esses artistas tão especiais me desafiou a selecionar canções específicas para cada momento, inclusive inéditas. Assim, a cada terça-feira teremos um espetáculo diferente”, explica a artista.

O “Terças no Ipanema” é resultado de uma parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, que integrou o Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa à Rede Municipal de Teatros e tem a curadoria e produção executiva de Flávia Souza Lima.

Vanessa Moreno se consolida como um dos nomes mais promissores e versáteis da música brasileira contemporânea. Com voz marcante e uma sensibilidade artística apurada, a cantora e compositora vem trilhando uma trajetória ascendente, marcada por colabora-

**Vanessa Moreno recebe convidados em série de quatro shows este mês no Teatro Ipanema**

ções de peso, reconhecimento da crítica e uma constante busca por novas sonoridades.

Desde o início de sua carreira, Vanessa demonstrou uma profunda conexão com a rica tradição da música popular brasileira,



cujas canções frequentemente integram seus repertórios. Essa base sólida, no entanto, não a impede de explorar novos caminhos e experimentar com diferentes gêneros e formações musicais.

Tal versatilidade se reflete numa discografia singular, que

abraça desde o delicado “Vem Ver” (2013) até o aclamado “Solar” (2023), indicado ao Latin Grammy na categoria de Melhor Álbum de Engenharia de Gravação. Cada trabalho revela uma faceta de sua identidade musical, seja em parcerias com instrumentistas talentosos como Fi Maróstica e Salomão Soares, ou em projetos conceituais como “Chão de Flutuar” e “Yatra-Tá”.

Sua habilidade como intérprete confere emoção e profundidade às canções que decide trabalhar. E foi assim que chegou a dividir palco e estúdios com pesos pesados da MPB, entre os quais Gilberto Gil, Edu Lobo, João Bosco, Rosa Passos, Mônica Salmaso e Joyce Moreno.

Além de se destacar como intérprete, Vanessa revela-se uma compositora de letras sensíveis e melodias envolventes. Nos últimos anos, tem expandido sua atuação para além das fronteiras do Brasil, levando sua música para importantes festivais internacionais como o Montreux Jazz Festival Rio, o Veneto Jazz na Itália e o JazzOnze+ Festival na Suíça, além de turnês na China e no Oriente Médio.

Com um olhar voltado para o novo, Vanessa entende que é preciso desafiar-se artisticamente, buscar novas parcerias, explorar diferentes sonoridades. Inquiteude que dá frutos. Seu próximo projeto, um novo álbum em duo com o pianista Salomão Soares, é aguardado com expectativa.

## SERVIÇO

**TERÇAS NO IPANEMA COM VANESSA MORENO**

Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824)  
8, 15, 22 e 29/4, às 20h  
R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Dip Ferrera/Divulgação

# O caldeirão sonoro de **Marya Bravo**

Fusão de ritmos marca 'Eterno Talvez', single da atriz, cantora e compositora

Por **Affonso Nunes**

**A** cantora e compositora Marya Bravo acaba de lançar o single "Eterno Talvez". Com produção musical de Nobru (Cabeça, Planet Hemp) e Dony Von (Matanza, Os Vulcânicos) e distribuição pelo selo Ditto Music, a faixa explora uma atmosfera sonora que mescla influências de rock, jazz, trip hop, hip hop, música brasileira e eletrônica. Há ali uma certa semelhança com a sonoridade de Tom Waits.

Marya conta que a canção surgiu de uma melodia original de Dony Von, que a tocou profundamente e inspirou a letra, escrita

em um momento de introspecção. A faixa aborda desejos inatingíveis e a busca por um preenchimento emocional.

A profundidade da interpretação de Marya é creditada à sua experiência no teatro musical, com mais de 20 peças em seu currículo com destaque para "Nada Será Como Antes - O Musical" (2013). A canção se destaca pela presença de instrumentos como guitarra, violão, cello e percussão, complementando a voz expressiva da cantora.

O lançamento de "Eterno Talvez" é acompanhado por um videoclipe produzido pela Oficina do Diabo, que buscou uma estética cinematográfica para complementar a sonoridade da faixa. A ideia central do vídeo, concebida por Nobru, apresenta um barco à deriva, simbolizando a melancolia e a solidão da canção. A artista se inspirou em filmes como "O Piano" e "Retrato de uma Jovem em Chamas" para criar uma ambientação atemporal no vídeo, misturando elementos de figurino



**Marya Bravo em cena do clipe de 'Eterno Talvez'**

vitoriano com visagismo moderno.

Com o lançamento de "Eterno Talvez", seu primeiro single, Marya - filha dos saudosos Zé Rodrix (1947-2009) e de Lizzie Bravo (1951-2021), única brasileira que gravou

com os Beatles - deseja provocar nos ouvintes reflexões profundas sobre sentimentos.

A artista tem três álbuns em sua discografia: "Água Demais Por Ti" (2009), "De Pai Pra Filha - Marya Bravo Canta Zé Rodrix" (2011) e "Comportamento Geral" (2014).

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Prévia de álbum

Miley Cyrus lançou seu novo single, "End of the World", como prévia de seu próximo álbum, "Something Beautiful", com lançamento marcado para 30 de maio pela Sony Music. A faixa chegou com um videoclipe minimalista, mostrando a cantora no palco, em uma estética que ecoa sua apresentação no Grammy 2024. No vídeo, Miley veste uma peça Mugler customizada. "End of the World" já era conhecida por fãs que acompanharam apresentações privadas da artista no Chateau Marmont.

Divulgação



Marcos Hermes



### Novidade da Marrom

Enquanto não sai o novo álbum de inéditas, Alcione lança mais um single do novo trabalho. Escrita por Igor Leal e Thiago Servo, "Não Mexe Comigo" traz versos que até parecem um auto-retrato da Marrom: "Às vezes pequena, às vezes grandona/ Às vezes ciumenta, às vezes chorona/ Às vezes de casa, às vezes de cama/ Às vezes carente, às vezes mandona"... O álbum de inéditas, com lançamento previsto para meados de maio pelo selo Biscoito Fino, trará um repertório mesclado entre compositores novos e alguns nomes expressivos da música brasileira.

Divulgação



### Improvisando

O rapper Fabio Brazza lançou o single "Cê Já Se Perguntou", com participação de Ferrugem. A faixa, que já está disponível nas plataformas digitais com um lyric video, é uma amostra do novo álbum de Brazza, intitulado "A Roda, A Rima, O Riso e a Reza", com lançamento previsto para o primeiro semestre de 2025 pelo selo Yalla Recordings. A música propõe uma reflexão sobre identidade e valores, explorando o contraste entre ambições materiais e a verdadeira definição de sucesso. Com nove álbuns, Brazza pavimenta sua carreira unindo improviso, poesia e composição.

CRÍTICA / GASTRONOMIA / SIGNATURES

# Experiência sensorial completa

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A culinária francesa sempre foi a rainha da gastronomia, com seus molhos, folhados, pães, queijos e, claro, suas sobremesas. Ter o prazer de desfrutar de uma refeição completa, com todas as etapas, é um privilégio que merecemos, pelo menos, uma vez por ano.

A convite da querida Bianca Teixeira, uma superprofissional da comunicação, fomos, juntamente com Ursula Manso e Andrea

D'Egmont — também jornalistas de primeira — ao Signatures, o primeiro restaurante da renomada escola Le Cordon Bleu na América Latina.

O Signatures é muito mais do que uma extensão acadêmica — é um verdadeiro templo da alta gastronomia em pleno coração do Rio de Janeiro. Localizado no campus da instituição em Botafogo, o restaurante oferece uma experiência sensorial completa, sofisticação, técnica francesa e também em sabores genuinamente brasileiros.

A cozinha, sob o comando dos



Divulgação

**O preparo das vieiras e camarões é um capítulo à parte no Signatures**

experientes chefs Yann Kamps, Philippe Brye e Mbark Guerfi, impressiona pela execução precisa e criatividade. Lá estão todos os

clássicos: o pão brioche, a manteiga bem batida, os escargots e os crusos bem elaborados — essas foram as nossas entradas. O preparo das vieiras e dos camarões é um capítulo à parte. Um deleite que começa com os guardanapos

de tecido, os talheres e as taças corretos e o champagne gelado (na França, é champanhe mesmo).

O Chardonnay da Borgonha veio gelado e alimentou as conversas antes de chegarmos ao prato principal. O filé Wellington ficou descansando ao lado, comme il faut. A proteína vai ao forno e repousa por meia hora. O ponto do folhado que envolve a carne malpassada, acompanhada do mil-folhas de batata, prova o domínio das técnicas clássicas.

Para encerrar, a perfeição do crepe suzette, harmonizado com um vinho Sauternes de sobremesa. Sofisticação absoluta. Depois desse almoço, só faltou um pequeno detalhe: a vista da Tour Eiffel.

## SERVIÇO

SIGNATURES

Rua da Passagem, 179 - Botafogo

De terça à sábado (12h às 15h e das 19h às 22h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

### É Páscoa no Zendaya

O Zendaya Resort Beach Sport & Spa, em Búzios, preparou uma Páscoa inesquecível com gastronomia, diversão e magia, para todas as idades. Na Sexta-feira Santa, haverá cinema ao ar livre com “A Fantástica Fábrica de Chocolate”, pipocas e mimos para as crianças. No sábado, oficina de bombons e almoço com toques de chocolate. À tarde, pintura de ovos e, no domingo, a esperada caça aos ovos. Tábua de frios harmonizada com vinhos, um almoço especialíssimo no domingo com experiências únicas à beira-mar.

Divulgação



Joca Vidal/Divulgação

### Atrações de aniversário

Na revitalizada Rua do Senado, o Braseiro Labuta brilha há dois anos com carnes na brasa. Criado por Lucio Vieira, do Lilia, mistura boa comida, arte, samba e drinks autorais. Na comemoração, de 3ª a 6ª das 17h às 21h, um menu especial quinzenal promete surpreender os paladares mais exigentes, com criações dos chefs Lucio, Brenner Gomes e Rodrigo Monteiro. Na quinta, dia 10, a partir das 18h, Matheus Zanchini (do Pope, em Ipanema) e Gonzalo Vidal (do Gonza, que abrirá no Horto) oferecem um menu festivo com criações feitas especialmente para a data.



Bianca Costa/Divulgação

### Festival da Sardinha

A 11ª edição do Festival Sardinha, Samba e Choro, em Macaé, em 11, 12 e 13 de abril, celebra a gastronomia, música e cultura local, com a sardinha como estrela, pratos autorais de 15 restaurantes, shows de samba e choro, aulas-show de chefs convidados e drinks especiais em parceria com a Cachaça 7 Engenhos (lançando sua Bebete, bebida à base de cachaça, melado de cana, tangerina, mate e cardamomo). Honório Oliveira, chef da Churrascaria Palace, vai apresentar sua versão de sardinha, levando sua notória experiência com carnes para a beira da praia.